

DOAÇÃO DE ÓRGÃOS: UM MODO DE RELAÇÃO ENTRE OS MORTOS E OS VIVOS

Ana Beatriz Seyr Marrafon (PIBIC/FA), Isabela Maria Pulga, Adriana Barin de Azevedo (Orientador). E-mail: abazevedo@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

Psicologia Social/Relações Interpessoais

Palavras-chave: Suplemento biográfico; Vinciane Despret; Morte encefálica.

RESUMO

A morte encefálica (ME), perda irreversível das funções cerebrais, possibilita os transplantes de órgãos ao permitir a retirada destes, de modo viável, de um doador falecido para serem transplantados em um receptor. O informe da morte aos familiares e a decisão pela doação ou não, é, no entanto, provocador de diferentes afetos. Assim, torna-se importante conhecer a narrativa dos familiares enlutados sobre as escolhas em relação a doação de órgãos de seus entes diagnosticados com ME. Diante disso, realizou-se uma pesquisa qualitativa bibliográfica em que se buscou compreender a decisão e os afetos dos familiares envolvidos no processo de doação de órgãos, utilizando como referência os estudos de Vinciane Despret. Para isso, buscou-se conhecer a narrativa desses familiares, estudar o lugar ocupado pelo morto doador na relação entre as famílias, pensar a doação de órgãos como dispositivo de relação entre vivos e mortos e como possibilitador de suplemento biográfico. Obteve-se como resultado que a experiência das famílias quanto à doação é bastante variável. Para alguns familiares, a doação é uma possibilidade de o morto seguir vivendo de uma outra forma, constituindo um suplemento biográfico através das novas vivências que poderá experienciar a partir de seu receptor. Concluiu-se, portanto, a relevância de manter corrente e valorizar diferentes saberes, que proporcionam abertura a novas narrativas e nos colocam em posição diferente para tecer questionamentos, hipóteses e reflexões acerca da morte e a relação entre os vivos e os mortos.

INTRODUÇÃO

Uma das características da era moderna é a busca por observar, explicar e organizar o mundo, visando estabelecer controle sobre ele. Exemplo disso são os avanços tecnológicos da biomedicina que prolongam a vida e estabelecem normas e regulamentos para definir o que pode ser considerado estado vital. A morte, no entanto, se apresenta como um evento que desafia essa lógica, pois assinala a finitude da existência humana, impactando várias dimensões da vida e subjetividade.

Atualmente, uma das definições de morte é a morte encefálica (ME) que, conforme o Conselho Federal de Medicina (2017), é a perda irreversível das funções cerebrais. A aceitação da ME como critério de morte é o que viabiliza os transplantes de órgãos, ao permitir a retirada dos órgãos de um doador falecido, mantendo-os viáveis para serem transplantados em um receptor. Essa concepção, embora amplamente aceita ao redor do mundo, não é absoluta.

Conforme as determinações dos Direitos da Personalidade, como o morto, enquanto morto, não pode mais decidir por si mesmo, cabe à família, primordialmente ascendentes e descendentes próximos, os deveres, cuidados e o destino daquele corpo. Ou seja, é a família quem decide ou não pela doação de órgãos após a confirmação da ME. Cupis (2004), no entanto, afirma que “a vontade do defunto pode determinar o destino do cadáver mais amplamente do que a vontade dos parentes” (2004, p. 99). Isto é, o morto, ainda que morto, segue decidindo seu destino. Esta visão é consonante ao ponto de vista defendido por Despret.

Assim, realizou-se uma pesquisa qualitativa bibliográfica, a fim de analisar artigos científicos que tivessem como temática principal a doação de órgãos, seus procedimentos éticos e a relação da família com o doador morto. Teve-se como objetivos: compreender, a partir dos estudos de Vinciane Despret, as decisões e os afetos dos familiares de doadores de órgãos; conhecer a narrativa dos familiares sobre o processo de doação de órgãos; estudar como a doação se apresenta como um dispositivo de relação entre os vivos e os mortos; estudar o lugar ocupado pelos mortos doadores de órgãos na relação entre as famílias do doador e do receptor; e, por fim, discutir a concepção de um suplemento biográfico dos mortos doadores de órgãos.

MATERIAIS E MÉTODOS

Adotou-se como metodologia a pesquisa qualitativa bibliográfica, que consiste em uma análise, valendo-se de uma gama de técnicas interpretativas, de materiais previamente elaborados, como artigos científicos, alvo de análise desta pesquisa.

Diante disso, este trabalho foi dividido em três etapas. Primeiramente, realizou-se um levantamento de materiais teóricos sobre questões éticas a respeito da doação de órgãos, bem como seu processo, nas bases de dados Scielo e Pepsic. Para busca desses materiais foram utilizados os descritores: *Doação de órgãos; Leis brasileiras; Morte; Receptores de Órgãos; Familiares; Psicologia*. Após isto, foram selecionados os materiais que mais se aproximam do tema proposto pela pesquisa e, então, realizado o fichamento. Como segunda etapa, desenvolveu-se a análise das obras sobre o tema apresentado por Vinciane Despret bem como outras obras no campo da psicologia, que tratam do lugar que os vivos definem para seus mortos e como essas relações entre mortos e vivos são mantidas. A terceira e última etapa se deu na articulação e discussão dos materiais levantados durante a pesquisa.

Por fim, também foi utilizado o instrumento de Diário de Pesquisa, técnica proposta por Lourau (1988/2004 *apud* Pezzato; L’abbate, 2012), que consiste em

registrar os afetos, impressões e reflexões surgidas ao longo do processo de pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Notou-se, diante da análise dos artigos lidos, que os familiares narram, principalmente, as insatisfações referentes ao processo de doação de órgãos, como descontentamento com a equipe hospitalar por pressão pela doação, falta de informações atualizadas quanto ao quadro do paciente, descaso com o paciente ou com a família e utilização de linguagem inacessível, criando barreiras para compreensão das informações, confiança e vínculo com os profissionais. Esses foram, inclusive, motivos que levaram os familiares a optar pela não doação dos órgãos. Quando as famílias tecem elogios à equipe hospitalar, destacam o apoio recebido pelos trabalhadores da enfermagem, que tem papel bastante ativo no processo de captação de órgãos. Outro ponto relevante trazido pelas famílias dos doadores é o desamparo vivenciado após a doação. Conforme os relatos, não há políticas de escuta e acolhimento para esses que ficam. Estes sentem que não há reconhecimento pela escolha da doação, o que, além de provocar insatisfação, agiu como fator de desincentivo para uma eventual outra solicitação de doação.

De acordo com os relatos dos familiares, essas posturas proporcionaram experiências negativas com os profissionais e com o processo de doação de órgãos, perpassadas por sentimentos de confusão, descontentamento, desconfiança e arrependimento. Percebe-se, então, que as vivências das famílias são tangenciadas por aspectos éticos e por um saber médico hegemônico que insiste, frente um interesse moral, pelo convencimento da família por uma resposta positiva à doação e pelo imperativo de concepções biomédicas. O ideal bioético de construção de relações hierarquicamente mais democráticas mostra-se, nessa situação, distante.

Em seu livro “Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam” (2023), Despret convida o leitor a refletir sobre as diferentes formas de se pensar e se manter existente a relação dos vivos com seus mortos. A opção pela doação de órgãos fabrica uma nova existência e modo de presença ao morto, que encurta a distância entre os vivos e os mortos e garante-lhes existência presente e futura, fazendo “[...] com que teu prólogo se torne meu para sempre” (Despret, 2023, p. 101). Assim, a doação de órgãos configura-se como um modo de suplemento biográfico ao morto. O suplemento biográfico é um modo de garantir continuidade a uma existência, um convite e uma resistência ao encerramento de uma história, uma atualização ou incrementação biográfica, que pode se dar de inúmeras formas.

CONCLUSÕES

Tendo em vista as determinações legislativas que impedem o conhecimento da identidade do doador e do receptor de órgãos, criou-se um impasse para o desenvolvimento do terceiro objetivo específico desta pesquisa, que consistia em estudar o lugar ocupado pelos mortos doadores de órgãos na relação entre as famílias. Nesse sentido, vale questionar quais narrativas se estabelecem a partir

disso, o que se perde e o que se ganha com tal imposição e suas dimensões sociais, éticas e políticas. Os demais objetivos, no entanto, puderam ser atingidos.

É possível concluir, diante dos materiais lidos e reflexões tecidas, que a doação de órgãos pode favorecer não apenas aquele que os recebeu ou os familiares que ficaram. Ela pode, também, beneficiar o morto, ao prolongar sua vida a partir da relação entrelaçada triangularmente: doador, receptor e familiar.

Conforme anotações do diário de pesquisa, a mobilização de afetos se deu, principalmente, pela proposição de Despret, elucidada por Azevedo e Sanches (2024), da pluralidade e coexistência de epistemologias. Pensa-se que é relevante voltar atrás no apagamento de saberes não-hegemônicos, valorizando-os. Para isso, é preciso incentivar o debate acerca do que é Ciência, permitir abertura ao contato com o novo, aceitar a indeterminação, e não ceder ao encerramento e ao convencimento de uma versão em detrimento de outra, pois, assim, permite-se a criação de novas narrativas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação Araucária pelo financiamento desta pesquisa e à minha orientadora, Prof. Adriana Barin de Azevedo, por ter me apresentado a novos autores, ideias e modos de fazer perguntas que ampliaram minha visão de mundo e Ciência. Também agradeço à minha colega, Isabela Maria Pulga, que foi quem de início a este projeto, pela dedicação e contribuição para o desenvolvimento da pesquisa.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Adriana Barin de.; SANCHES, Aline. As manobras dos mortos: deslocamentos epistemológicos a partir de Vinciane Despret. In: FREITAS, F. L. C. (org.). **Algumas intercessões epistemológicas e metodológicas entre as ciências humanas e os saberes psis**. São Luís: Edufma, 2024.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Resolução CFM nº 2.173/2017. **Diário Oficial da União**, Brasília–DF, 15 dez 2017, seção I, p. 274-6.

CUPIS, Adriano de. **Os Direitos da Personalidade**. 1. ed. Campinas: Romana Jurídica, 2004. p. 23-60, 98-100.

DESPRET, Vinciane. Acabando com o luto, pensando com os mortos. **Fractal: Revista de Psicologia** [online]. 2011, v. 23, p. 73-82 Epub 10 maio 2011. ISSN 1984-0292. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922011000100006>. Acesso em: 04 jan. 2024.

DESPRET, Vinciane. **Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam**. 1. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

34º Encontro Anual de Iniciação Científica
14º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



12 e 13 de novembro de 2025

PEZZATO, Luciane Maria; L'ABBATE, Solange. Uma pesquisa-ação-intervenção em saúde bucal coletiva: contribuindo para a produção de novas análises. **Saúde e sociedade**, v. 21, n. 2, p. 386-398, 2012.